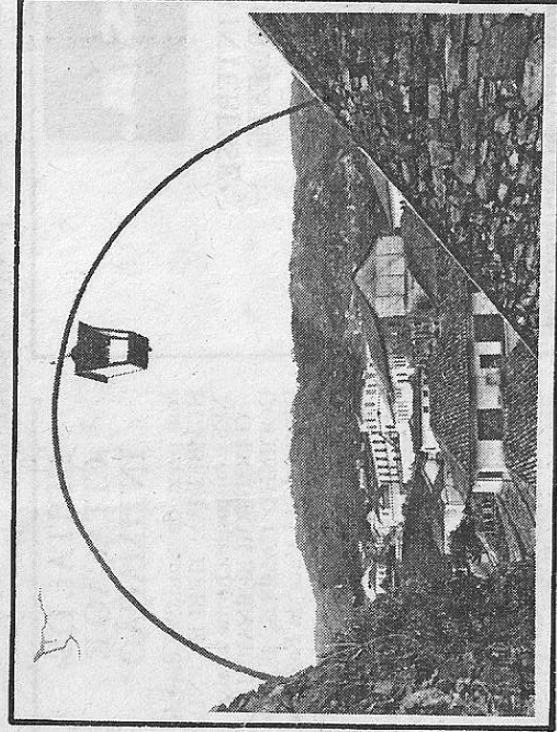


O Festival Ameaçado



Barros, preparando um festival sobre os festivais

UFMG vai analisar em julho a história desses treze anos

Depois que a Funarte (Fundação Nacional de Arte) divulgou ontem nota oficial, na qual expõe seu ponto de vista a respeito da paralisação do Festival de Inverno, propondo a reabertura do diálogo com a Universidade Federal de Minas Gerais, uma decisão foi tomada por seus coordenadores, com o consentimento do reitor Celso de Vasconcelos Pinheiro: na segunda quinzena de julho, em Belo Horizonte, a UFMG vai realizar um Festival de Inverno diferente, com a presença de todos os órgãos e entidades envolvidas com a cultura em nosso País.

Será a reapresentação das grandes promoções dos 13 Festivais, como, por exemplo, "El Retablo de Maese Pedro", ópera de De Falla, com o Teatro Giramundo; reapresentação das primeiras audições de música do Festival de Inverno; exposição de pinturas e artes plásticas produzidas durante o Festival de Inverno; confecção de um texto histórico sobre os 13 anos do Festival e um seminário sobre o tema geral de festivais de arte, com duas seções básicas: uma, para discutir a ideologia dos festivais no Brasil e outra, mais restrita, para analisar os aspectos técnicos de realização desses eventos.

Destá maneira, a Universidade espera que "o Festival de Inverno marque

presença este ano e seja objeto de reflexão", diz o coordenador geral do FI, professor José Tavares Barros. "Esse é um passo que estamos dando para não deixá-lo morrer".

Barros diz que "nós nunca tivemos tempo para sentar e discutir o Festival de Inverno e essa é uma maneira de refletirmos sobre os seus 13 anos".

Na verdade, o Festival de Inverno não acontecerá mesmo este ano. A coordenação optou pela discussão. Ele será dissecado, mostrará seus defeitos na presença dos que podem tratá-lo se assim o quiserem. Ele será retalhado e virado ao avesso, para que os responsáveis pela política cultural do País o vejam como ele realmente é: uma das promoções culturais mais importantes do Brasil, mas que vem sofrendo, nestes 13 anos, uma lenta agonia.

A grande saída para o Festival de Inverno, segundo Barros, seria a criação de um grupo, do qual a Universidade fizesse parte, para encará-lo em sua amplitude. "Co-participação": é o nome que o coordenador geral dá para a cura da doença. "Do grupo — explica ele — participariam os diversos setores

culturais do Município, do Estado e do País. Essa é a única solução".

A Nota

Comentando a nota oficial, divulgada pela Funarte, Barros diz que "não nos interessa entrar numa polémica do mérito. A UFMG não deve preocupar-se com a política cultural do País, mas se ater a seus objetivos específicos, que são de atualização e especialização. Nós não discordamos da política da Funarte, mas a UFMG tem que voltar-se para o tipo de proposta universitária que ela oferece no campo das artes".

Indagado sobre a culpa da Funarte na paralisação do Festival, o coordenador diz que, realmente, ela "não quis fianciar o projeto apresentado pela coordenação, desvinculando-o de suas metas prioritárias".

Quanto à não apresentação formal da proposta, denunciada na nota oficial da Funarte, Barros simplesmente disse que "não o fizemos, porque ficou combinado que, antes dela, haveria necessidade de discussões e reuniões, o que foi feito. Depois, é que entraríamos com uma proposta, mas como não chegamos a um acordo nessas discussões e reuniões não havia mais necessidade de uma proposta formal".